

# Stadium

N.º 94 ★ 20 DE SETEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

## BENFICA-ESTORIL PRAIA

Valongo sai com decisão para segurar uma bola ameaçadora. Teixeira, sempre na brecha, procura enterrar a acção do «keeper» adversário.

(foto Nunes de Almida)



# Ao cabo da época os factos mostram:

- 1.º — Necessidade de reformas dos Regulamentos;
- 2.º — Necessidade de constituir corporações técnicas;
- 3.º — Necessidade de expansão em novos centros

A época de pista de 1944 pode considerar-se concluída, porque na melhor das hipóteses apenas voltaremos a ver atletas em acção para algumas tentativas pessoais de ataques a records, que se anunciam mas cujo fundamento ignora-

mos. O que valeu a temporada do ano, em relação às precedentes e em mérito absoluto, demonstrá-lo-emos, com todos os elementos necessários, no decurso desta série de artigos; que se verificou melhoria, é facto tão evidente que se impõe ao juízo de toda a gente, mas deste progresso — em expansão e em profundidade — tiraram-se determinados ensinamentos, que é indispensável focar e aproveitar para futuro imediato.

Em primeiro lugar verificou-se, com maior nitidez, decerto porque o interesse de análise foi maior, que os regulamentos pelos quais se rege a modalidade estão antiquados e assentam sobre bases empíricas, onde não foram pesadas nem as conveniências nem as condições de vida do meio português.

Em certos casos particulares estabeleceu-se a anarquia, e o capricho de vontade dos dirigentes legaliza a seu bel-prazer, como sucede, por exemplo, com a homologação de records que não figuram na tabela oficial e a elaboração de programas com distâncias as mais disparatadas e injustificáveis, como aqueles famigerados 120 m. dos campeonatos de estreatas, que pretendiam ser a redução dos 150 m. e eram apenas a agravante dos 100 metros...

O regulamento de provas da F. P. A. sofreu há anos determinadas alterações, mas não houve o cuidado de harmonizar, na generalidade, o texto antigo com o novo; registam-se ainda antagonismos, como fosse de ser reconhecida e definida a existência de categorias, cujos resultados não são no entanto admitidos a records, em igualdade de direitos com os júniores.

Também se mostra inconveniente a divisão dos atletas em tantas categorias; os principiantes são uma duplicação inútil dos estreatas (este ano todos os títulos de principiantes, com excepção do peso, foram conquistados por estreatas), pois os novos concorrentes admitidos à competição são apenas aqueles que provaram falta de classe na temporada anterior.

Outro problema a ponderar: sendo os campeonatos uma competição puramente individual, a preocupação dos pontos, a somar para a classificação colectiva, que adquiriu entre nós fôro de lei, transformam-lhes o significado e leva os clubes a multiplicarem a actividade dos seus filia-

dos geitosos, com manifesto prejuízo dos interesses de especialização e, sobretudo, onerosa sobrecarga de sucessivos esforços.

Finalmente, o nosso Regulamento de Provas já não acompanha a evolução do Regulamento Internacional, o que se presta a reclamações justificadas. É indispensável, pois, actualizá-lo.

Noutra ordem de idéias, está patente a insuficiência da actual organização autárquica do atletismo.

Todas as modalidades desportivas possuem actualmente, por imposição legal, as suas corporações técnicas. O atletismo tem de seguir o exemplo, criando uma Comissão Nacional de Juizes Árbitros, encarregada de estabelecer as listas dos indivíduos reconhecidos competentes para o desempenho das funções de juiz árbitro, juiz de partidas, de chegada e de concurso e cronometristas; de aferir os cronómetros empregados e que ninguém sabe agora como funcionam — mas todos fazem fé por eles; de fiscalizar o comportamento dos dirigentes na pista e de proporcionar a êstes, e aos candidatos que surjam, os ensinamentos necessários ao desempenho honesto e rigoroso das suas funções.

Os componentes do júri num concurso de atletismo têm atribuições de permanente responsabilidade, como o árbitro de um encontro de futebol; não podem distrair-se em conversações com os amigos

nem encorar levemente a sua intervenção nos acontecimentos.

Medições por estimativas, cronometragem a olho — têm de acabar!

A propaganda da modalidade é o terceiro dos problemas fundamentais. A julgar pelos resultados, tem sido mal encaminhada, pois não aumentou o número dos clubes praticantes (melhor dito, diminuiu) nem tão pouco se desenvolveram novos centros regionais de actividade.

Aquilo que carece o atletismo nacional não é do reforço sistemático das equipas já muito fortes, mas sim da infiltração da modalidade por novos núcleos praticantes e da sua introdução em novos centros desportivos.

A actividade de Lisboa e do Porto, acessoriamente de Coimbra e Braga, deve juntar-se a de outras cidades, começando pelas capitais de distrito. O projecto faz parte de um plano geral estabelecido pelo organismo superior do desporto e entrará em breve em execução.

Aproveitando convenientemente o período de descanso que vai seguir-se, é possível arrumar todas estas questões antes do início da época de 1945 — e poderemos então afirmar, com redobrada propriedade, que a temporada de 1944 — o ano da inauguração do Estádio Nacional — foi realmente das mais destacadas no arquivo do atletismo, não apenas pelo seu valor intrínseco, mas muito principalmente pela sua projecção no futuro.

Salazar Carreira

## CLUBE NACIONAL DE NATAÇÃO

Do Clube Nacional de Nataçào — a progressiva colectividade que tem dado contributo valiosissimo ao desenvolvimento da nataçào e à prática do salvamento, recebemos um amabilissimo officio, no qual atradace as referências feitas nestas columnas às comemorações das suas «bodas de prata», distinguindo também o nosso estimado camarada Abreu Torres.

Gratos pela gentilidade, reafirmamos ao Nacional de Nataçào, com os nossos votos de prosperidade, os propósitos que nos animam de colaborar sempre com todos quantos trabalham sinceramente pela causa do desporto.

## A estagnação do pugilismo amador

Notas à margem de um torneio suspenso

HÁ dias, publicavam os jornais a noticia de que não se efectuava, por agora, o torneio de amadores projectado pela Associação de Pugilismo de Lisboa.

A causa determinante do sem-efeito, segundo a mesma fonte, fôra o número reduzidissimo de inscrições colectivas, que não passavam de duas.

Selvo melhor parecer e exceptuando outros motivos que não merecem publicidade, julgamos esta medida contrária nos interesses do pugilismo amador, visto que, havendo uma agremiação preparada para apresentar os seus filiados e desejosa por foze-lo, mais justo seria premar-lhe o esforço persistente e isolado do que pô-la de parte, por carência de colegas... E, ainda, se notarmos que é precisamente pelo desinteresse e abandono alheios que essa colectividade sofre a pena de não participar, com os seus desportistas, num campeonato em que eles podiam figurar no número dos vencedores, ainda mais nos parece imprópria, injusta e precipitada a anulação do torneio.

Nós sabemos que o pugilismo amador percorre actualmente a sua via dolorosa de decadência. Conhecemos, também, a dificuldade de montar um espectáculo, contando apenas com os elementos de um ou outro clube, condição cheia de contingências e de reduzido interesse. Mas precisamente porque se verificou, no meio de tanta indiferença ou de falta de incentivo, oportunidade de injectar nova seiva de propaganda, distinguindo a constância de um ou de dois e apontando-os como exemplo, insistimos que seria louvável pôr de pé a competição preparatória que depois se suspendeu.

Porque, encarando sem rodeio o problema do pugilismo amador, tem de reconhecer-se, antes de mais nada, a indiferença da juventude de agora por uma modalidade desportiva cheia de atractivos e compensações — mas que não se encontra organizada.

E' certo que as colectividades poderiam levar os seus filiados a praticar o «box» se possuíssem bons professores e orientadores desídeios. Mas isso não se observa, talvez porque outras veredas menos dispendiosas, e mais lucrativas, atraem a massa associativa para os desportos de maior rendimento pecuniário. Ou porque não se toparam todos os dias os professores e as dedicações a que aludimos...

Seja como fôr, o pugilismo amador precisa de ser fomentado quanto antes. Parece-nos, por conseguinte, que não tendo sido possível realizar o torneio segundo a fórmula prevista pela Associação, circunstância que era de presumir antecipadamente, convinha transformá-lo noutra prova acessível a todos os indivíduos que tivessem desejo de se inscrever. Seria, pois, um torneio popular, aberto a quem quer que fosse com robustez física adequada à pratica do «box», espécie de torneio open em que se havia eliminado a condição de filiado em clube ou colectividade equivalente.

A maioria dos concorrentes, é quasi certo, exhibia siglma de má qualidade, heterodoxa e imperfeita. Mas o estímulo do concurso e o efeito da sua propaganda só poderiam trazer benefícios ao pugilismo.

Julgamos, sinceramente, que um campeonato com estas características e agitado pela imprensa reúne maiores probabilidades de êxito do que outro qualquer, tanto mais que sabemos de alguns casos de amadores, sem filiação clubista, dispostos a fazer a sua inscrição numa prova desta natureza.

Destes silvres fazemos mercê à Associação de Pugilismo de Lisboa, na esperança de a animar no prosseguimento de sua actividade constructiva e na manutenção do torneio que suspendeu. Se o puzer em prática, oxalá que obtenha o êxito correspondente ao trabalho e às dificuldades que tal empreendimento lhe possam acarretar. R. B.

ANO XII — Lisboa, 20 de Setembro de 1944 — II SÉRIE — N.º 34

### STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, L.D.A.

Redacção e Administração:

I. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º

Telefone 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LTD. — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**H**Á em Carnide — a pitoresca freguesia de Lisboa, com seus ares de campo e o á-vontade saudável de aspecto provinciano — uma colectividade que bem merece a atenção das entidades superiores do nosso desporto, dos desportistas e do povo da localidade: o Carnide Clube.

Com os seus 24 anos de actividade, conquistou na vida desportiva portuguesa lugar de justo relêvo e impôs-se pela obra social que mantém com desvelada dedicação, repartindo entusiasmo e trabalho perseverante pela causa desportiva e por uma série de projectos que ajudam a manter as características especiais da vida do clube.

Ali, dentro do velho casarão do conde de Carnide, existe qualquer coisa de valor — que vai além da normal actividade de um grupo de desporto.

Basta que se recorde a bela obra do seu parque infantil, arrancando à rua a «miudagem» chilreante, de inconscientes e alegres anos. Recebe-a nas suas instalações, apresenta logo à entrada com a lavagem fresca dos pequeninos e descuidados rostos, para que o rosado das faces melhor ligue com o azul claro dos modestos bibes; e esses «miúdos», entre os 3 e os 6 anos, têm, quer na sala, que dia a dia se desarruma para ali se instalarem com os seus trabalhos manuais, quer no jardim, na aparelhagem de recreio em actividade constante, com que entreter-se durante o dia inteiro.

O Carnide Clube consegue, com esta maravilhosa obra, educar um grupo risonho de pequenos carnidenses, para quem a rua era antes o único atractivo.

Mas existe outra luta, outro desejo de vitória, que merece o justo prémio das realidades...

Neste simpático Carnide Clube, entre tôdas as dedicações e boas vontades, aparece um nome rodeado de prestígio, pelo seu valor de atleta e de dirigente: Fernando Amaral, que se impõe na sua dupla qualidade de excelente praticante de «basketball» e de presidente da direcção.

Continuador incansável da tôda a obra realizada e em projecto no clube, este rapaz, ao pretender erguer em Carnide uma proveitosa e tanto quanto possível completa organização de desporto e de cultura, tem sido dos seus propagandistas valorosos, vão decorridos 17 anos.

# O CARNIDE CLUBE

## não deixa as competições de «basket»!

Fernando Amaral, presidente e brilhante jogador do simpático clube, assim no-lo diz

A recente notícia da possibilidade de abandonar o desporto de competição veio pôr em fóco a sua personalidade no meio «basketista» e no clube que serve com magnífica dedicação.

A propósito d'este facto, Fernando Amaral concedeu-nos algumas palavras. Evitou falar-nos do caso pessoal, para dar conta dos projectos que encerram a melhoria de actividade porque vai passar o clube.

Mas ainda nos diz, quando lhe falamos na sua resolução de abandonar o «basket»:

— Estava de facto decidido a materializar essa minha vontade. O «acontecimento» do fim da época, no desporto que pratico, magoou-me muito. Mais que os cento e vinte e dias que me foram applicados pelo organismo dirigente, levou-me a pensar nessa decisão o facto de «eis uma vez não ver feita justa ao meu clube — por uma decisão injusta. E porque ao Carnide se tem sempre negado a equitativa resolução das suas reclamações, entendia que devíamos dar por terminada a nossa colaboração na modalidade. Ficaria a assinalar a nossa passagem pelo «basketball» português a conquista de 7 campeonatos nacionais; 2 de Lisboa na 1.ª divisão, e 1 na 2.ª, isto pelo que diz respeito ao nosso «team» de honra — porque nas categorias inferiores assinalámos 25 vitórias finais em campeonatos. Lembraríamos ainda, como lenitivo reconfortante, que o Carnide Clube, na ultima época, foi o que melhores receitas proporcionou à Federação e aos clubes, e, como recordação do nosso comportamento, o officio da Direcção Geral dos Desportos, felicitando-nos pela correcta actuação e maneiras disciplinadas dos nossos jogadores.

«Deixavamos os homens e o seu critério e voltavamos-nos unicamente, com maior entusiasmo, se é possível, para a nossa grande obra dentro do clu-

be — e para um problema que de momento nos preocupa: ampararmos, depois dos «miúdos», os rapazes de Carnide, oferecendo-lhes aulas profissionais e uma série de occupaões que ajude, nas horas vagas, a formar-lhe acertada firmeza de vontade, sob um feitiço moral que os dignifique na vida.

— Terminaria assim a actividade desportiva do Carnide...

— De maneira nenhuma! A cultura física e desportiva estariam sempre no primeiro plano dos nossos objectivos sociais. A gymnástica e o «volleyball», por exemplo. Nesta modalidade preparamos uma equipa. O «basketball», quando muito só o praticaríamos em jogos particulares ou de exhibição. O julgamento do protesto daquele nosso encontro na «Taça de Honra», para cujo critério não encontramos explicação técnica ou regulamentar, desgostou-nos muito. Sem podermos evitar essa resolução, demo-nos por vencidos — até à possibilidade de um dia o Carnide poder fazer valer os seus direitos...

Fernando Amaral expõe-nos um projecto grande de remodelação das instalações, para que condigam com o valor e préstimo d'este clube em Carnide. A parte cultural e de beneficência está em grande plano. Louve-se o propósito. O povo de Carnide corresponderá, estamos certos disso, com o seu auxilio e amizade, premiando, pelo interesse para com o clube, o esforço e dedicação destes homens que continuam valorizando a bellissima obra social do Carnide.

E se fôsse possível melhor e mais completo entendimento para a fusão das sociedades União Operária e Dramática com o Carnide Clube? Que bello projecto tomaria então realidade!

«Mas — continua Fernando Amaral, falando-nos acerca da sua resolução de abandonar o «basket» — acima do mal estar de espirito que infelizmente ocasionam casos como o que sofremos, mais alto que qualquer ressentimento por um acto de injustiça — estava o prestígio desportivo do clube. A nossa dedicação pela modalidade desportiva que praticamos, e que tem imposto o nome do Carnide em todo o país, viria, semanas depois do «acontecimento» se ter dado, modificar a nossa resolução. Sosssegados os espiritos, voltou a serenidade e o nosso brio desportivo pairou mais alto, fortaleceu-se! Amigos dedicados, como Manuel Gonçalves, que fica na secção de «basket» do nosso clube, daqueles que estão sempre presentes em tôdas as occasiões, boas ou más, rodearam-nos. Ponderou-se devidamente o caminho a seguir. Com firmeza de idéias, tendo sempre bem presente o nome do clube, ditou-se a resolução. O Carnide continua cheio de entusiasmo na pratica do «basketball», com a certeza de saber impôr, como sempre, o seu valor e o seu prestígio!

(Continua na pág. 14)

Como complemento das vantagens adquiridas em tão proveitoso curso, que também será officializado pelas entidades competentes, todos os ciclistas nele inscritos usufruirão de bonus nas compras efectuadas em várias casas de bicicletas.

Entre outros estabelecimentos que se ofereceram espontaneamente para cooperar connosco, concedendo descontos nos artigos que porventura sejam comprados pelos futuros alunos, contam-se já: a conhecida Casa Eduardo Martins, rua da Palma; o «Stand Flecha», no largo do Intendente; e as firmas António Augusto de Carvalho, de Sintra; António Mateus Germano, na Alameda das Linhas de Torres; e Mário Perelra Bandeira, de Alcoaba.

Toma assim vulto a iniciativa da «Stadium» — para a qual, a ajulzar pelas opiniões e pelos incitamentos que recebemos, está reservado seguro êxito.

No próximo número daremos mais pormenores acerca da prova «Iniciação Flechas», assim como serão publicados os nomes dos primeiros inscritos no Curso de Ciclistas.

INICIATIVAS  
DA «STADIUM»

## VAMOS MOVIMENTAR O CICLISMO DE COMPETIÇÃO?

Trabalhos já efectuados

OS propósitos manifestados pela «Stadium» de impulsionar o ciclismo de competição, sobretudo no que diz respeito a provas para gente nova — estão prestes a tornar-se realidade. Ainda esta época, talvez em fins de Outubro, e como fecho de temporada, serão organizadas as primeiras competições para iniciados e corredores que nunca tenham participado em provas officiais, devendo ser também já no próximo dia 15 de Outubro que inauguramos o «Curso de ciclistas», iniciativa que terá largo alcance no desenvolvimento e no progresso técnico da velocipedia nacional.

A corrida que tentamos promover esta época — e que só não será disputada em fins do próximo mês se o número de inscritos ficar aquém do razoável — é uma prova em 4 tiradas, com classificações definitivas em cada uma delas, a promover num sábado e num domingo, com partidas e chegadas a Lisboa.

Em principio, está esboçado o seguinte percurso:

Sábado: 1.ª tirada — Avenida da India, Cascais, Ramalhão, Sintra; 2.ª tirada — Sintra, Lourel, Algueirão, Belas, Caneças, Campo Grande.

Domingo: 3.ª tirada — Campo Grande, Malheira, Torres Vedras; 4.ª tirada — Torres Vedras, Runa, Sobral de Monte Agraço, Alverca, Campo Grande.

São admitidos corredores individuais ou em representação de clubes; a inscrição é grátis e permitida a todos os ciclistas do país, com menos de 25 anos, já inscritos na categoria de iniciados ou que

nunca tivessem sido licencitados pela Federação de ciclismo.

Já foram enviados convites aos clubes que possuem secções de ciclismo, sendo, todavia, e desde já, recebidas inscrições na sede da Associação de Ciclismo e na nossa redacção, mesmo de representantes das colectividades a quem, por lapso, não fôrem remetidos aqueles convites.

Organizada pela «Stadium» e patrocinada pela Associação e Federação de Ciclismo e pelo «Stand Flecha», que será o dador dos prêmios, esta prova denominar-se-á de «Iniciação Flechas».

O primeiro classificado será contemplado com uma oferta de muito valor, havendo também prêmios para os vencedores das etapas e para os ciclistas classificados até ao décimo quinto lugar.

A escola de ciclismo

Foram também já distribuídos os primeiros boletins de inscrição para o Curso de Ciclistas a manter durante o próximo inverno, com aulas duas vezes por semana e depois com saídas de treino, no principio da temporada de 1945. Como já frizámos, neste curso são admitidos todos os ciclistas, quer sejam ou não corredores, sendo grátis a inscrição. Além de indicações de carácter técnico, como sejam, por exemplo, a maneira de montar, equipar e definir a altura de uma bicicleta, serão ministradas lições de tactica de corrida e de treino; elementos sobre hygiene e alimentação dos corredores; e demonstrações practicas acerca da correcção de posições sobre a bicicleta e defeitos de pedalação.

# ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

66 — António Santos, creditado com o melhor resultado da época

Consagramos o estudo de hoje ao salto à vara, analisando o estilo de três campeões em fases distintas do exercício. António Santos apresenta-se no final da fase de subida, ao acabar o golpe de tesoura das pernas e a viragem do tronco.

1 — O tronco está em boa posição, de frente para a barra e mais alto do que o apolo das mãos.

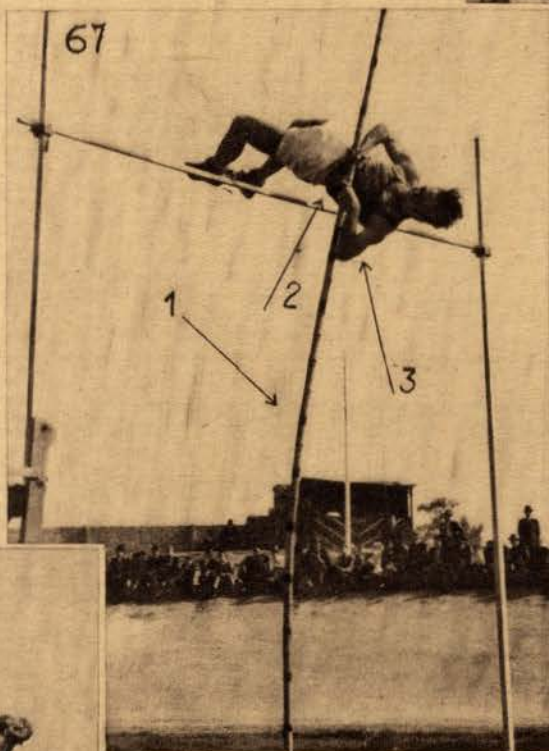
2 — A posição dos membros inferiores também agrada: boa elevação, golpe de tesoura executado com as pernas em extensão e ainda por concluir. A perna esquerda vai ainda reeuar, ao mesmo tempo que a outra avança a juntar-se-lhe, o que completará a viragem da bacia antes de ser executada a descida dos membros inferiores, já além da barra, na chamada flexão angular.

3 — O único defeito flagrante e de enorme influência no rendimento do salto é a falta de extensão dos braços, que causa a perda de uma parte da elevação efectiva. No momento focado, a extensão do braço de pega inferior, o esquerdo, devia ser completa, para que a mão se libertasse a quando da angulação do corpo e este subisse ainda mais alguns centímetros, pela extensão suplementar do braço direito.

67 — João Montalvão Fernandes, campeão de Portugal, no salto de 3, m 50 que lhe assegurou o título

Na fotografia tudo está mal e parece incrível que a transposição da barra se fizesse sem derrube.

1 — A curvatura extraordinária da vara é o testemunho de um erro precedente mas, como



barra; e se tal não sucedeu foi, com certeza, por obra e graça do esticão da vara que se fletira por motivo de um erro de técnica, merecedor de palmatoada. Afinal...

68 — Júlio Santos Vieira, campeão regional de juniores e da «Mocidade Portuguesa»

1 — A vara foi precocemente libertada; já está longe das mãos e o busto ainda se encontra sobre a barra. Isto pode ser consequência de balanço insuficiente (a vara não subiu até ao pino) ou de precipitada manobra que levou à conclusão da viragem antes de atingido o vértice da subida da vara. Uma ou outra causa podem ter más consequências se a altura da barra se aproxima do limite das possibilidades do saltador.

2 — O saltador atirou-se em vôo planado por cima da barra, descuidando as praxes da queda ou, melhor, da segunda parte da transposição que liberta o busto e os braços. É provável que, no salto focado, o atleta não houvesse sentido a necessidade de apurar a técnica na passagem, por ser baixa a altura a transpôr, mas o princípio de descuido de técnica é sempre condenável e mostra defeito no automatismo do exercício.



há males que vêm por bem, foi esse erro que veio proporcionar o mais eficaz adjuvante do êxito do salto. O atleta aplicou prematuramente a flexão dos braços, logo ao começo da fase ascensional, e esse esforço, em sentido contrário à deslocação da vara, exerceu uma acção de aumento de peso que provocou a acentuada inflexão da vara; ao atingir o vértice do salto, atulhada a vara do esforço tractor do corpo, a sua elasticidade trouxe-a à posição erecta, num movimento impulsivo que atirou o atleta para além da barra.

2 — O corpo passa de costas, com o arco de flexão ao invés do que manda a regra, porque...

3 — ...os braços fletiram ao máximo mas não houve projecção das pernas para cima, nem o menor esbôço do golpe de tesoura. Nestas circunstâncias, os ombros ou o braço esquerdo, ao desprender-se da vara, deveriam derrubar a

68



Fase de um jogo no Restelo em que interveem Augusto Silva, Pepe e Cesar



# Os Belenenses

celebra este mês as "bodas de prata"

**D**ENTRO de poucos dias — precisamente no sábado — o Clube de Futebol «Os Belenenses» comemora vinte e cinco anos de profícua actividade e celebra, com várias solenidades, as suas «Bodas de Prata». Isto, só por si, representa um acontecimento de vulto

nos annos do Desporto em Portugal, e constitui, ao mesmo tempo, motivo de significativo orgulho para todos os sócios e simpatizantes da colectividade. Era ocioso, portanto, falar-se da acção do Belenenses no campo desportivo, da sua obra, em suma, que é grandiosa e de mérito reconhecido, há muito tempo.

Vinte e cinco annos! Um quarto de século! Para um clube representa muitíssimo.

Há uma frase que fez carreira — «Belém é um viveiro de jogadores de futebol!» — e anda ainda na boca de toda a gente... Foi dos areais da praia de Belém que saíram os nossos melhores jogadores da época (há cerca de trinta annos!), como, por exemplo, Januário Barreto, Antão Couto, Emilio Carvalho, irmãos Rosas Rodrigues, Duvall Portugal e outros. Mas vietam mais — e, pelos tempos fora, Belém não perdeu as «esporas de ouro» do futebol português. Recordem-se, nesta singela homenagem, os nomes dos primeiros «belenenses»: Henrique Costa, sócio n.º 1; Artur José Pereira (o irrealistal Mestre que a morte abateu já) — seu irmão Francisco; Romualdo Bugalho; Manuel Veloso; Alberto Rio — que foi «internacional» contra a Espanha — e seu irmão Joaquim; Mário Duarte; Joaquim Dias; Mário Monteiro; Carlos Salles e Julio Teixeira Gomes. Evoquem-se, também, os primeiros atletas do clube, da equipa de futebol que se estreou em 30 de Novembro de 1919: Mário Monteiro; Artur José Pereira e Romualdo Bugalho; Edmundo Campos, Carlos Sobral e Arnaldo; Anibal, Francisco Pereira, Manuel Veloso, Alberto e Joaquim Rio. Foram estes os verdadeiros pioneiros do Belenenses — arautos sublimes de uma tuba que pelos tempos fora tocou alto as auras da Fama.

«Como nasceu a idéa da criação do Belenenses? De uma conversa de rapazes — à esquina de uma rua do bairro — conversa aparentemente simples, mas que tinha «base», como se viu mais tarde, na prática. Como nasceu, enfim, tantas coisas úteis à comunidade... A idéa, propagada a outros, germinou e em breve era um factol Para bem do bairro e do desporto em geral, porque o Belenenses cedo marcou personalidade e a venceu através de sempre; foi e é um clube de desporto, na acção pura do termo!

Não cabe aqui, em simples crónica de homenagem, que é ao mesmo tempo de enaltecimento de uma obra consagrada por todos — e até por instâncias superiores, de carácter official — fazer a longa história da acção do Belenenses no campo desportivo. Citaram-se, é certo, alguns nomes, poucos, de gente que deu Fama ao clube, mas reportarmo-nos a todos seria quasi impossivel. E que são tantos, tantissimos...

E mesmo que quiséssemos significar somente o nosso apreço pe'os campeões, atletas com titulos conquistados para a colectividade, não o podíamos fazer: não chegava o reduzido espaço de que dispomos. A todos, por consequência, testemunhamos publicamente a nossa admiração, certos de que isso constitui o cumprimento de um dever.

Em duas decadas e meia produziu-se algo: e algo de proveitoso, quando a acção, como no «caso» do Belenenses, é bem orientada; o fruto de tal trabalho, prémio de fadigas sem conto, misto de alegrias e amarguras, é constituído pela conquista de campeonatos. Quantos ganharia o Belenenses? Não é fácil a enumeração — mas muitos têm sido. Como recompensas de mais valia, o Belenenses foi agraciado por duas vezes pelas instancias superiores: em 1933, comendador da Ordem Militar de Cristo, por ocasião das comemorações do 14.º anniversario; em 1935, o Governo da Republica, reconhecendo o trabalho produzido pelo clube — de facto com finalidade benemerente, conferiu-lhe o grau de Official da Ordem de Benemerência. Da sua obra, valiosissima, em todos os aspectos, fala a dispersão de actividades: em primeiro plano o futebol; e depois, por ordem cronologica (umas secções ainda a trabalhar e outras, infelizmente, já desaparecidas) no atletismo, «basketball», bilhar, chiniquinho, ciclismo, «handball», «hockey» em campo, motociclismo, nataçao, «rugby», ténis de mesa, tiro, vela e «volley-ball».

(Continua na página 14)

Um friso de conhecidas desportistas belenenses



Lucilla Silva



Um «team» dos «azuis» que deu brado noutros tempos e no qual se vêem alguns «ases» de justo renome

# JOSÉ TRAVASSOS

confia-nos as suas impressões  
antes de partir para a Madeira

**JOSÉ TRAVASSOS**, antigo jogador do Benfica, árbitro internacional de justificado prestígio, instrutor de futebol da «Mocidade Portuguesa» e também árbitro privativo nos encos do campeonato desta organização nacional e dos torneios da F. N. A. T., chegou ultimamente da Madeira, onde permaneceu algum tempo a convites das entidades desportivas locais, mas levando também, por parte da Direcção Geral dos Desportos, o honroso encargo de elaborar um relatório acerca da situação do desporto na pérola do Atlântico.

Não só pela actividade desenvolvida durante a sua permanência na Madeira, mas principalmente porque regressará muito em breve ao Funchal, interessava sobremaneira arquivar na «Stadium» as impressões colhidas por José Travassos — um amigo desde há anos.

\*\*\*

«Permita-me primeiro — começou por nos dizer o conhecido desportista — que manifeste publicamente o meu reconhe-

mento pela maneira como fui recebido, tanto pelos clubes como pelas entidades oficiais e particulares. Sinceramente: não se pode ser tratado com mais fidelidade e homenagem com maior gentileza. Traço da Madeira — terra de encanto, que progrediu muitíssimo de 1937 para cá — as melhores recordações...

Diante do seu agradecimento e perguntado sobre a vida actual do desporto madeirense, José Travassos informa-nos:

«O desporto na ilha da Madeira, sustentado principalmente por dois pilares — a Junta de Província e a Associação de Futebol — encontra-se consideravelmente desenvolvido, salientando-se três modalidades: futebol, natação e «ténis».

«No futebol — o desporto rei, claro... — há muita matéria prima, rapazes de insigne habilidade, que «dão que fazer» aos grupos do continente desde que sejam trabalhados por um bom treinador. Não será de causar admiração que, com a ida de Mário Silva, o treinador que seguiu na sexta-feira para a Madeira por indicação minha e que vai trabalhar nos quatro melhores grupos locais, os madeirenses voltem a repetir a proeza de 1926... Nesse ano, preparados por Szabo, conquistaram o campeonato nacional. São dêsse tempo o popular Pinga, Carlos Pereira, Ferdinando, Abelhinha, Rogério e outros.

«Todos os grupos jogam à base de energia e fogaçidade, salientando-se, todavia, sob o ponto de vista técnico, os quatro clubes da divisão de honra: Marítimo, Nacional, União e Sporting. Mas devo dizer-lhe que os clubes da promoção jogam mais que os de idêntica divisão no continente.

E quanto a grupos infantis?  
— Vi jogar alguns ófles. Não calcula... Que intuição, que excepcional habilidade! De todos, sobressai a equipa do Marítimo, orientada pelo antigo desportista Alexandre Rodrigues, que não

só dirige os «miúdos» no aspecto desportivo com a cuida também, desveladamente, da sua educação moral e intelectual.

— Qual a impressão colhida pelo que se refere a instalações?

— Quanto a terrenos para futebol, existem dois: um, o campo dos Barreiros, vai ter o piso melhorado, graças à acção do dr. João Abel de Freitas; outro, o do Liceu, está magnificamente dotado. Além disso há bons «courts» de «ténis», modalidade muito cultivada na Madeira. Mas falta uma piscina... Com as qualidades natas que os madeirenses têm para a natação, se dispusessem de uma piscina que lhes permitisse preparação regular marcariam posição interessante, tanto em natação como em «water-polo».

— Em relação a dirigentes, qual foi a impressão que colheu?

— Há uma pleiade magnífica de dirigentes — essencialmente honestos, dedicados e sabedores. Figuras de prestígio nos meios intelectual, comercial e industrial, interessam-se vivamente pelo desporto, amparando-o e orientando-o dentro do melhor critério. Há nomes que é dever citar. Por exemplo, na Associação de Futebol, os dos drs. Consuelo Figueira, Vasco Homem de Gouveia e Sousa e João Vergínio de Paiva e Cunha. E muitos outros, tais como Luiz Serrão, Eduardo Nunes, Alexandre Rodrigues, José de Barros, Januário Rodrigues, José Figueira, Adelino Rodrigues, Amaro Ferreira, Luiz de Sousa, António Nunes, dr. Elmano Vieira e Manuel de Abreu, devendo-se a estes dois últimos a organização do magnífico album comemorativo das bodas de prata da A. F. F.

«Para completar esta lista já um tanto longa, uma referência especial à acção desenvolvida pelo

dr. Fernão de Ornelas Gonçalves, ilustre presidente do Município do Funchal e a quem se deve a instituição da «Taça Cidades» e dos respectivos prémios pecuniários. O interesse do dr. Fernão Gonçalves pelo desporto é de tal ordem que não deve constituir surpresa o facto de amanhã a Madeira ser dotada com um Estádio Municipal, que aliás tanto contribuiria para maior desenvolvimento do desporto local.

\*\*\*

Pelo que se refere à apreciação da vida desportiva madeirense, os pontos principais estavam focados. Mudamos o rumo à conversa e arriscamos:

— Mas o José Travassos vai de novo para a Madeira...

— Sim... Parto em breve, a-fim-de fazer um curso de arbitragem, que durará seis meses. Na Madeira há rapazes com excelente intuição para se transformarem em bons árbitros. Falta-lhes conhecimentos... Por minha parte, estou entusiasmado e farei o máximo para corresponder ao interesse manifestado pelo dr. Consuelo Figueira e seus colegas de direcção — e também pelo desejo igualmente manifestado pela Direcção Geral dos Desportos — auxiliar e estimular o desporto madeirense. Tanto assim é que o ilustre director geral, sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro — que, caso curioso, é natural da Madeira — e o sr. capitão António Cardoso projectam, para breve, uma visita à encantadora ilha.

— Não ponderou ainda a hipótese de ficar definitivamente na Madeira?...

José Travassos olha-nos, sorri e não responde logo. Vê-se que tal possibilidade não lhe desagrada — e responde-nos:

— Por ora, nada posso dizer-lhe de certeza. Depende de diversos factores, inclusivê da minha vida profissional. Reconheço que a Madeira é, na realidade, por todos os motivos, uma atracção — e uma tentação...

E a despedir-se, com um sorriso enigmático, Travassos diz-nos ainda:

— Não deve, porém, ser motivo para admiração se eu lá ficar definitivamente!...

ABREU TÓRRES

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**A** nova temporada de futebol promete ser das mais animadas — em melhoris de instalações de campos. Três grandes clubes da capital procuram ampliar e relvar os campos de jogo — Atlético, Benfica e Sporting. E o Belenenses tem também em projecto realizar novas obras.

Os clubes lisboetas procuram, pois, adaptar-se à expansão do popular desporto, oferecendo mais comodidades — aos jogadores e ao público.

\*\*\*

**N**o seu número de 29 de Julho último, refere-se a «Horta Desportiva», o nosso prezado colega taialense, à série de reportagens de homenagem aos grandes clubes nacionais de futebol. A «Horta Desportiva» agradecemos à amabilidade da sua referência.

\*\*\*

**O** «Correio Desportivo», conhecido e conceituado semanário funchalense de desportos, transcreve, no seu número de 17 de Junho último, um artigo publicado, na «Stadium», pelo nosso prezado redactor Mário de Oliveira, acerca da acção dos «Padres Inglesinhos» na introdução do futebol em Portugal.

Os nossos agradecimentos, pela transcrição, embora se houvesse cometido o esquecimento de indicar o jornal a que se refere.

\*\*\*

**A** época de futebol na Madeira fechou em Junho, com a disputa da «Taça da Madeira», que é um rico e artístico troféu mandado executar pela Junta Geral do Funchal, para ser disputado, todos os anos, entre os clubes da Divisão de Honra da Associação de Futebol do Funchal. Naquela cidade afirma-se que a referida taça, em estilo manuelino, é a segunda, em beleza, entre as que existem no país.

No torneio dêsse ano coube a vitória ao Clube Desportivo Nacional.

**AS** duas únicas pistas de ciclismo estão concluídas em estádios de clubes de futebol — as pistas do Lumiar e do Estádio do Lima. Ora o futebol entrou agora na fase oficial dos campeonatos regionais. Começa pois o perigo da inactividade do ciclismo, quanto a provas de pista.

\*\*\*

**A** piscina de Coimbra é, quanto a uma parte, pouco mais do que uma barragem feita no Mondego. Esse ponto tem, por isso, que ser armado e desarmado todos os anos. É a parte vulnerável... Quando chega o mês de Setembro, começa a haver o perigo de a desarmar.

Há alguns domingos caiu grande temporal em Coimbra. Houve muita chuva. O rio levava mais água. A piscina correu o perigo — de ir por ali abaixo...

Felizmente, não se passou do susto. E é com uma piscina destas que Coimbra mantém um núcleo excelente de nadadores. Todos os elogios são poucos para uma obra feita de sacrifício — e boa vontade.

\*\*\*

**N**o reletto da viagem de uma delegação do Benfica a Alenquer, para a inauguração de uma filial naquela importante vida ribatejana, cometeu-se um pequeno lapso, quando se disse que a sede do Sporting Clube de Alenquer fora feita pelo Clube. O prédio foi de facto construído propositalmente para sede do Sporting, e a venda do terreno, por parte da Câmara Municipal, fez-se com essa condição. Mas a construção é obra de um grande amigo do clube e distinto alenquerense, o sr. Manuel Frois Ferião. E é proprietário do edificio o seu filho, José Manuel, estimadíssimo senhorio do Sporting.

Aqui fica a devida rectificação, que nos é pedida pela própria direcção do Sporting Clube de Alenquer. É mais uma atitude simpática, por parte do valoroso Clube.

## REINALDO MONTEIRO

**D**EU-NOS há dias o prazer da sua visita este conhecido jornalista desportivo e nosso estimado colaborador, temporariamente ausente de Lisboa por motivos de ordem profissional.

Com os nossos desejos de felicidades, fazemos votos pelo seu pronto regresso à capital.

## SPORT CLUBE DE VILA REAL

O clube trasmontano que se distinguiu no Campeonato Nacional da II Divisão

**E**IS um clube da província, vivendo num meio, se não hostil, pelo menos pouco propício para o desenvolvimento de tudo o que se refira ao desporto e à educação física, e que tem cumprido fielmente a ideia que animou os seus fundadores, ideia respeitada e mantida pelas sucessivas gerações de desportistas convictos e puros regionalistas que têm passado pelas suas fileiras.

O Sport Clube de Vila Real, fundado em 1920, cedo se categorizou como o mais legítimo representante desportivo da sua cidade e, sem dúvida, da sua província. E nenhuma outra colectividade congénere lhe tem feito sombra...

Entregue principalmente, quasi que exclusivamente, à prática do futebol, os seus triunfos na modalidade são inúmeros e alguns deles, com os campeões e os melhores grupos das Associações vizinhas, incluindo a do Pôrto, têm provocado surpresa e espanto. Infelizmente, a sua acção e a sua ânsia de expansão têm de contar, além de outras, com as dificuldades que resultam do seu afastamento geográfico, agravado por um deficiente serviço de transportes. Só por este motivo se compreende que, apesar dos esforços desenvolvidos para a visita dos mais consagrados grupos lisboetas, apenas o Belenenses, por duas vezes, e mesmo assim pela força do sorteio da «Taça de Portugal», ali se tenha exibido. Os clubes do Pôrto, esses sim, tojos ali têm jogado e sofrido (inclusive o Futebol Clube do Pôrto) alguns fracassos expressivos. Mas a visita do Sporting ou do Benfica, por exemplo — tantas vezes tentada já — podia ser de grande utilidade para a propaganda do desporto em Trás-os-Montes e para o progresso do futebol local. E se esse contacto com os clubes de maior nome fosse freqüente, decerto o Sport Clube de Vila Real viria a afirmar: melhor as suas

possibilidades e o seu título ganhar, no conceito futebolístico português, o lugar a que tem jus.

## A SUA ACTUAÇÃO NAS COMPETIÇÕES NACIONAIS

O S. C. de Vila Real é, em futebol, o único campeão crónico. Na primeira prova oficial da sua Associação, em 1924, ganhou o título e nunca mais o perdeu!, isto apesar de ter defrontado, por vezes, adversários de relativo valor, tanto da sua cidade como de Chaves. É um caso único, repita-se.

No campeonato da 2.ª Liga, e depois da transformação deste em Campeonato Nacional da II Divisão, também tem afirmado a sua classe, obtendo uma colecção de resultados honrosos: sempre vencedor ou segundo classificado nas suas séries, tendo alcançado uma vez as meias finais e noutra a final do torneio.

Eis o seu «palmarès» em provas oficiais, excluindo-se dele os vinte títulos consecutivos de campeão regional, a que já se fez referência:

em 1934-35, no campeonato da 2.ª Liga, enquadrado numa série formada por Mirandela, Vila Real, Viseu e Pôrto, obteve o segundo lugar;

em 1935-36, na mesma série, perdeu o primeiro pósto, a favor do Leça, pelo coeficiente 0,9;

nesta mesma época conquistou a «Taça de Trás-os-Montes», instituída pela F. P. F.; em 1936-37, ainda na mesma série das duas temporadas anteriores, ficou, respectivamente, em 2.º e 1.º lugares;

em 1938-39, já no Campeonato Nacional da II Divisão, chegou às meias-finais, sendo eliminado da prova pelo Sporting Clube da Covilhã. E, a contar para a «Taça de Portugal», alcançou um honroso empate com o

Belenenses, no jogo da primeira «mão», disputado em Vila Real;

em 1939-40 e nos dois campeonatos seguintes foi o vencedor da sua série;

em 1942-43 agrupou numa das séries do Pôrto e perdeu o primeiro pósto, novamente a favor do Leça, tal como em 1935-36, apenas pela diferença de «goals», tendo, no decorrer desta «poule», ganho por 6-1 ao Salgueiros, no terreno do próprio adversário;

no último campeonato disputado, o de 1943-44, formou novamente numa série com os concorrentes das Associações de Braga e de Viana do Castelo. A sua actuação foi particularmente brilhante. Depois de eliminar os campeões de grupo que constituíam a zona Norte, incluindo a Beira Litoral, alcançou a «final». No jogo decisivo, realizado em Lisboa, no Campo Grande, defrontou o Estoril-Praia, um concorrente com mais experiência, de maior fôlego e de certo valor, e que o venceu pela diferença mínima.

Claro que o Vila Real, grupo de longínquas paragens e constituído por elementos menos habituados a jogos desta natureza, se ressentiu sensivelmente, ainda com a agravante de não ter podido alinhar todos os seus titulares. Contudo, a sua actuação mereceu o carinho da assistência, louvores da crítica e as mais lisongueiras referências da parte do ilustre Director Geral dos Desportos.

Com o seu aparecimento na «final» deste Campeonato Nacional o campeão trasmontano ganhou, pelo menos, popularidade e um prestígio que as provas regionais, e mesmo os bons resultados com os clubes do Pôrto, lhe não podiam conceder. Foi, pode dizer-se, a revelação de um valor desportivo quasi ignorado na capital do país e do desporto e, se mais não houvesse, isto serviria de conforto, na derrota, para os dirigentes e os jogadores de Vila Real e para a sua população associativa que — registre-se, como prova de dedicação clubista e regionalista digna de louvor — teve larga representação entre a assistência da «final».

O Vila Real tem experimentado alargar a sua esfera de acção para além do futebol, com a criação de outras secções. Mas o meio é ingrato, como já se disse. E a falta de adversários locais e a dificuldade de visita de equipas estranhas para servirem de «mestras» (se no futebol ainda existe a defesa da bilheteira, em qualquer especialidade nova o desastre financeiro seria fatal... e total), essas razões, que não podem deixar de ponderar-se, têm asfixiado, à nascença, qualquer tentativa de expansão. E é pena; porque os vilarealenses — fortes, rudes, leais e jeitosos, como o têm demonstrado no futebol — também noutras modalidades podiam vir a afirmar o seu valor na defesa das cores da colectividade e do bom nome da sua província, sempre a bem do desporto.

Carlos Correia



No campo do Calvário, os jogadores do S. C. Vila Real entram no terreno em tarde histórica para o popular clube trasmontano: aquela em que venceram o Académico do Pôrto por 6-0, a contar para o Campeonato da II Divisão de 1943-44

# SPORT CLUBE DE VILA REAL

sempre disposta a trabalhar, encara o futuro com optimismo

**R**ODRIGO Botelho de Araújo, o activo e dedicado secretário geral do clube, traz, assim, o seu pensar e o dos seus colegas da Direcção:

— Animados com os magníficos resultados desportivos alcançados na época finda — consequência, afinal, dos progressos técnicos que se estavam notando, já, em temporadas anteriores — os dirigentes do Sport Clube de Vila Real, tal como os seus jogadores e toda a massa associativa, encaram o futuro com confiança e fé. Entusiasmo não nos falta e a vontade de trabalhar das equipas do clube foi entregue aos cuidados do antigo internacional Carlos Alves, treinador de reconhecida



**Rodrigo Botelho de Araújo**

competência. Excelente matéria-prima, amorismo puro e «prata da casa», são as armas de que dispomos para as futuras competições. Elas nos bastarão, estou certo, para que, pelo menos, nos conservemos no bom nível, já atingido, tanto mais que, agora, trabalhamos mais à vontade. As disposições oficiais que dificultam a transferência de jogadores, só possível em casos justificados, traz-nos menos receos, pois consideramo-las favoráveis ao nosso desenvolvimento. É que a presença do Sport Clube nas provas nacionais não era encarada, pelas colectividades chamadas grandes, como a de um concorrente mais, mas sim como uma «feira de amostras», onde os «compradores» lançavam os olhares cubiosos para a «mercadoria» em que estavam interessados... Pós-se, finalmente, cõbro a êsse «comércio», quasi sempre

imoral e ignobil, do qual só os clubes de vastos recursos monetários beneficiavam. Transportou-se, enfim, o Desporto para o seu verdadeiro campo, procedendo-se ao saneamento dos nucleos infecciosos. Deu-se condições de vida a quem tinha necessidade — e direito... — dela... O Sport Clube de Vila Real, que foi origem de jogadores como João Teixeira, Manuel da Costa, Gomes da Costa, Joaquim João, Nicolau, Brioso, Alcino e outros que vieram a transferir-se para meios e colectividades de maior «poder», o Sport Clube de Vila Real, dizia eu, deixará de ser o «viveiro», para transformar-se, como sempre pretendeu, num nucleo desportivo de valor próprio.

Valorizar, pois, cada vez mais, o nosso clube, é a nossa mais firme intenção; guindá-lo, se possível fôr, à divisão principal, é a maior aspiração, a ambição, que consideramos justa e legítima, acalentada pelo nosso espirito de desportistas e de transmontanos.



## Alguns resultados notáveis

Na extensa lista de jogos disputados contra adversários de outras regiões, encontram-se as seguintes vitórias do campeão transmontano, de certo modo significativas:

- Boavista, 2-1 (campeonato de Portugal de 1934) e 5-1 (em jogo particular);
  - Leça, 7-0 e 3-0 (êste último também para o campeonato nacional);
  - Leixões, 8-3 (quando aquele clube foi campeão portuense);
  - A. D. Ovarense, campeão da A. F. de Aveiro, 4-2 (para o campeonato nacional);
  - Vilanovense, 12-2;
  - Vianense, 9-2;
  - Sporting de Braga, 4-1;
  - Sporting de Fafe, 9-1 (para o campeonato nacional);
  - Sporting de Espinho, 5-2;
  - Varzim S. C., 9-1.
- E na temporada finda: para o Campeonato nacional — Académico, do Pôrto, 6-0; Famalicão, 5-3; União de Coimbra, 5-0; para a «Taça de Portugal» — Vitória de Guimarães, 3-2; em jogo particular — Salgueiros, 8-1.

capitão do grupo de honra do Sport Clube Vila Real

escreve para a «Stadium» a sua opinião sobre a temporada de 1943-44

«**N**ICIAMOS a temporada de 1943-44 em evidente enfraquecimento. O «team» ficara privado do concurso de cinco dos seus habituais titulares: o dr. Viriato, ausente em serviço militar; Oscar, por fractura; Areias e Amilcar, por considerarem que tinham cumprido já o seu dever; e Alcino, por ter mudado de ares...

«O afastamento de cinquenta por cento dos meus companheiros da época anterior não enfraqueceu, porém, o ânimo dos que se mantiveram no seu pósto e dos que foram chamados a substituir os ausentes. Pelo contrário: começámos a trabalhar com mais vontade, se era possível, dispostos a defender e a honrar o bom nome já anteriormente conquistado pelo nosso clube. As circunstâncias assim o exigem. Mas o Destino parecia apostado contra nós. Novas contrariedades surgiram. Cada jogo disputado custava-nos,

por assim dizer, a perda de mais um elemento por lesões sofridas. Foi-se refrescando o «onze» com o aproveitamento de alguns «juniores». Fazia-se o possível... e o impossível... Até que, em dado momento, a classificação do clube corria perigo. Para grandes males, grandes remédios: procedeu-se à chamada geral! Todos, todos os que podiam fazê-lo,



**Artur de Carvalho**

corresponderam. Voltaram Oscar e Amilcar, em manifesta atitude de camaradagem e dedicação clubista. A rapaziada ganhava novos alentos! Oscar, porém, não pôde acompanhar-nos até onde desejaríamos. Um toque, no decorrer de um encontro importante, afastou-o de novo e definitivamente na temporada. Era jogador de respeito, mas correcto e leal... Mas, com êste e com os outros contratempos, a nossa vontade e o nosso amor pela camisola aumentavam cada vez mais, como só é possível nos clubes puramente amadores, onde os praticantes desportivos são os que mais sentem, no coração, os resultados da luta em que participam. Os dirigentes, os demais consócios e simpatizantes da colectividade também nos não desamparavam.

«Assim fomos vencendo obstáculos e concorrentes e chegámos à «final» do Campeonato Nacional, numa afirmação de incontável valor, de que muito nos orgulhamos.

«Consideramos que a sorte nos não bafejou, antes pelo contrário... Fugiu-nos, pois, uma bellissima oportunidade de ingressarmos na Divisão superior, sem o recurso do alargamento nem favores de escolha, mas apenas à custa do nosso esforço e da nossa tenacidade.

«De uma coisa estou convencido: nessa tarde memorável, em frente ao público da capital, teríamos ganho o título de campeões nacionais se temos podido alinhar com o «team» completo!

«Mas não desanimamos por isso... Atrás de tempo, tempo vem...



Os jogadores do S. C. Vila Real são convenientemente preparados. Vêmo-los, na gravura, num exercicio gymnástico, antes da habitual sessão de treino



## O banquete comemorativo do IV aniversário do HOCKEY CLUBE DE SINTRA

A risonha e aprazível vila de Sintra esteve em festa no domingo passado. A legião normal dos que ali vão em busca de saúde e bom ar, houve a juntar a caravana formada pelos representantes do Infante de Sagres, do Porto, que ali foram disputar o encontro de hockey em patins com o Hockey Clube de Sintra, a contar para o campeonato nacional.

O Hockey Clube de Sintra, porém, estava em festa, em virtude de comemorar a passagem do seu IV aniversário.

E, por isso, à noite, num dos hotéis da vila, ofereceu um banquete aos seus jogadores, que tão alhargadamente o têm representado nos torneios e campeonatos de "hockey" patinado a ponto de — no curto espaço de quatro épocas — terem conseguido trazer o clube ao primeiro plano do "hockey" nacional.

Festa agradável, desenvolvida em ambiente de alta camaradagem e desportivismo, teve o mérito de consagrar a obra já muito valiosa desenvolvida pelo Hockey Clube de Sintra.

Entre desta ordem de idéias se pronunciaram todos os oradores, e cujos discursos a falta de espaço nos impede de fazer referências pormenorizadas. Queremos, no entanto, salientar as judiciosas considerações do sr. Ayala Boto, ilustre inspector de desportos, que depois de se referir ao prestígio de que Portugal goza em várias partes, em virtude do valor dos nossos "hockeístas", exortou os jogadores do clube em festa a que lutassem sempre dentro dos seus princípios desportivos. Igualmente interessantes as afirmações do dr. Sérgio Júnior, presidente da Assembléa Geral do Hockey Clube de Sintra.

Em nome da Stadium, o nosso camarada Abreu Tórcas felicitou a jovem e simpática agremiação pela passagem do seu aniversário, pôs em relevo o apuro dos seus representantes, a sua rápida ascensão, o seu desportivismo e os seus valores igualitários que, além-fronteiras, bastas vezes tem honrado o nome de Portugal.

### AOS NOSSOS LEITORES

Temos feito repetidas vezes a prevenção, aos nossos agentes e aos leitores que nos enviam importâncias para a compra de exemplares atrasados, de que só poderemos efectuar as respectivas remessas depois de procedermos à reimpressão das tricotomias, visto haver-se esgotado completamente a grande maioria dos números da Stadium em que foram intercaladas.

Pedimos especialmente aos leitores que se nos dirigem, impacientes pelas remessas solicitadas, que tenham em atenção aquela circunstância, tomando nota que só depois da reimpressão das tricotomias referentes aos números esgotados poderemos, como é óbvio, e como temos dito sempre, atender as encomendas em nosso poder.

## ACONTECIMENTOS DA SEMANA

**ATLETISMO** — Entre Ovar e a praia do Farolouro, correu-se a "Léguas da Póvoa", que Costa Ramos, do Aljubar, venceu em 17 m. Por equinas triunfou o Cruz de Cristo, de Colômbra, com 15 pontos.

**BASKETBALL** — Integrado num festival de homenagem ao Grupo "Ferreira Pinto", disputou-se uma partida entre jogadores antigos e modernos da Académia dos Amadores, ganhando os mais jovens por 35-32.

**CICLISMO** — A interessante prova das 30 voltas à Malveira, no total de 60 quilómetros, foi ganha por José Ferreira, do Sangalhos, Alim deste club, concorreram o Sporting, G. E. Iluminante, F. C. Pórtio, Académico e o Salgueiros. Por equinas, venceu o Sangalhos, seguido do F. C. Pórtio e do Salgueiros.

No nosso próximo número faremos a esta competição mais desenvolvida referência.

**NATAÇÃO** — Em Colômbra efectuaram-se dois festivais nocturnos, durante os quais se bateram um "record" nacional, na categoria de principiantes, e quatro regionais. Foam eles: Gentil Gonçalves, Algas, 100 m. de brucos, reiniciantes, 1 m. 32 s.; Ilda Raposo, União, 400 m. livres e 100 m. de brucos; Luis Lopes da Conceição, Santa Clara, 100 m. de costas e 200 m. livres, respectivamente, 1 m. 20 s. e 2 m. 39 s. e 116 s.

O concinrentes Luis Lopes da Conceição ganhou a prova "Nadador completo", em competição com os lisboetas Fernando Láz e Bessone Júnior, fazendo a corrida de três estilos em 1 m. 22 s. e 116 s.

No final foram entregues várias recordações: à direcção do Algas, pela participação dos seus nadadores, e a Fernando Láz e Bessone Júnior. No decorrer disse acto falaram os srs. Veríssimo Mota, pela A. N. C. Alvaro Santos, presidente da delegação da F. N. A. T., e Dias Pereira, da F. P. N.

— Em Viana do Castelo houve um torneio, promovido pelo Vianense, que teve como vencedores individuais: António Págo, 66 m. crawl e de costas (10k), 47 s.; António Cardoso, 66 m. de brucos (10k), 55 s.; 110 s.; Cesário Fonseca, 66 m. livres e de brucos (10k), 46 s.; 110 s. e 56 s.; Francisco Lopes, 66 m. de brucos (10k), 51 s.; 110 s.; Matilde Fonseca, 66 m. de brucos (10k), 1 m. 13 s.; 110 s.; Fernanda Rêgo, 66 m. de brucos (10k), 1 m. 16 s.; 110 s.; José Viana, 66 m. de costas (10k), 1 m. 13 s.; Adelino Leira, 66 m. livres (10k), 38 s.; 110 s.; Jorge Ruas, 66 m. de brucos (10k), 1 m. 9 s.; 110 s.; Augusto Viana,

# TÉNNIS

## CAMPEONATOS INTERNACIONAIS DO ESTORIL

### Apontamentos e Comentários

**OS** Campeonatos Internacionais do Estoril — prova tradicional no calendário da Federação — organizados, como sempre, pelo Estoril Parque Tênis e dirigidos, como nos últimos tempos, por Geza Torok, forneceram este ano um dos melhores torneios da temporada.

Parece, portanto, que as iniciativas do Estoril Parque Tênis reconquistaram, pouco a pouco, o prestígio dos primeiros tempos, abalado, durante alguns anos, pelas organizações pouco cuidadas que se verificaram.

Perdiu a simpatia e a confiança dos jogadores, não tem sido fácil a tarefa de Geza Torok no sentido de recuperar o lugar de primeiro plano que as organizações estorilenses ocupavam no nosso ténis.

E o esforço de Geza Torok, tanto mais de salientar quanto é certo que trabalha sozinho (com alguém que o ajudasse muito teria a lucrar o E. P. T.), começa a surtir efeitos.

Os Campeonatos Internacionais de 1944, com uma designação difícil de justificar, pois os tempos não correm nada de feição para a vinda de jogadores estrangeiros, são prova cabal do que deixamos dito. E ao mesmo tempo demonstram que, ainda sem grandes nomes entre os jogadores, é possível haver provas de agrado e interesse.

Entre os concorrentes predominaram os «novos». A prova de singulares-homens reuniu 26 inscrições. Tudo gente de 2.ª e 3.ª categorias, na sua maioria acusando os benéficos resultados de uma temporada movimentada, revelando interesse, vontade e desejos de progredir.

Talvez esteja nisto a razão do afastamento dos consagrados...

Nas eliminatórias, deve salientar-se a vitória de David Cohem sobre M. Meunier, a réplica de Gerardo Maia contra o mais experiente Seabra Pinto e a vantagem de Teixeira Bastos sobre José Guedes.

Nos oitavos de final surpreendeu a inferioridade de David Cohem diante de Seabra Pinto e a dificuldade de João Talone e Joaquim Leitão, em frente, respectivamente, de Teixeira Bastos e Joaquim Nunes dos Santos.

Nos quartos de final estavam já afastados da competição todos os concorrentes pertencentes à 3.ª categoria, à excepção de Seabra Pinto, agora em excelente forma.

Feita, assim, a selecção de valores, a prova ganhou redobrado interesse, assistindo-se até final a boas lutas, nas quais José Silva eliminou Júlio Bastos, Seabra Pinto afastou Alfredo Roquete, Joaquim Leitão pôs fora João Talone e Orton fez terminar a carreira de Mendia.

Como se esperava, as meias finais foram ganhas por José da Silva e Orton. Na final triunfou o primeiro, com relativa facilidade.

As provas de «pares-homens» e «mistos», com apreciável número de concorrentes, forneceram animadas competições. Mas não se verificaram surpresas: as melhores formações estiveram nas finais, ganhando as mais fortes: Gabriela Cantharino-Butter, em «mistos», e Manuel da Silva-José Silva, em «pares-homens».

A representação feminina forneceu uma das notas salientes destes campeonatos.

As jogadoras que últimamente têm sido vistas em quasi todas as provas não faltaram no Estoril. E' de notar o reaparecimento de Mrs. Peggy Flint, que há um ano tanto se distinguia.

Depois de ter vencido com facilidade Joyce Tait e Peggy Brixhes, assegurou a presença na final, tendo por adversária Gabriela Cantharino, que, por sua vez, eliminara sem dificuldade Valentine Lovely e M.º Lovely.

A prova de singulares teve, por isso o melhor desfecho.

Gabriela Cantharino venceu por 6/3 e 6/2, com inteiro merecimento e fazendo alarde de magnífica forma. Esta gentil desportista é bem um caso «único» do nosso ténis. Conquistada a sua posição no n.º 1 da 1.ª categoria, nem por isso deixou de se dedicar ao ténis, cada vez com mais afecção e entusiasmo — e continua a manter a sua superioridade insosfismável.

Mas que contraste com os jogadores de 1.ª categoria...

DRIVE

### BICICLETAS

# "FLECHA"



VISITEM A EXPOSIÇÃO NO

LARGO DO INTENDENTE, 7-1 A 15



**C**OMEÇOU o 39.º Campeonato de Futebol de Lisboa. Trata-se de um torneio muito valioso, de forças equilibradas, verdadeira pedra de toque do futebol português. Com o aperfeiçoamento da Organização há quem ponha abertamente a questão do desaparecimento dos chamados campeonatos regionais, pelo menos sob a base em que assentam naturalmente. Defende-se, em certos sectores, a ideia de que devia começar-se imediatamente e oficialmente pelo campeonato nacional, permitindo-se assim o seu alargamento e dando margem para, socegradamente, se realizarem todas as provas culminantes, aquêlê campeonato e o que se segue. Os regionais ficariam reservados para os que não tomassem parte nos torneios grandes. A ideia tem fundo. Quere-nos parecer, mesmo, que realmente se caminha para qualquer coisa diferente do que tem sido pôsto em prática até agora. Regra geral, os torneios organizados nos distritos oferecem de época a época menos interesse. Estão um pouco desacreditados. Decorrem sem que ninguém dê por êles. Simplesmente, o campeonato de Lisboa resiste a semelhante onda de descrédito regional, continuando a



GRANDES TORNEIOS REGIONAIS

## As forças estão equilibradas

Boas exibições do Atlético, Benfica e Cuf — Belenenses e Sporting no seu problema de médio-centro — Estoril em acção, acusando inexperiência

por TAVARES DA SILVA

cotar-se como um torneio difícil, apaixonante — e de grande fundo, com interesse que transborda da 1.ª Divisão para as outras.

Tomam parte nêlê seis concorrentes: Sporting, Benfica, Belenenses, Atlético, Cuf e Estoril, êste pela primeira vez. O primeiro dia constituiu um autêntico ensaio, tal como as forças estavam colocadas: de um lado, os mais categorizados; do outro, os outsiders.

A impressão geral fornecida nesta primeira jornada não se pode dizer nem agradável, nem desagradável. Foi uma coisa. Os clubes acusaram o estado em que se encontram — longe ainda da maturação. Por sinal, o calor, apertando, veio dificultar o desembaraço dos jogadores, cujos músculos, em repouso durante longo tempo, começaram a despertar, preguiçosamente, para a vida desportiva.

Não houve, propriamente, o que se poderá chamar *futebol de qualidade*. Poucos esquemas de bom jogo. Uns *teams* já com mais veia do que outros. Muito pontapé à tóa, dificuldade de arrumação no campo, má conta no dar da bola.

O Sporting deixou má impressão. O Benfica revelou a costumada vivacidade. O Belenenses pôs à mostra os seus pontos fracos, e também os fortes, em contrastes. O Atlético indicou claramente que não deverá deixar de se ter em conta o seu esforço, conseguindo o melhor resultado da jornada, sob o ponto de vista da realidade das coisas. A Cuf mexeu-se com boa disposição, fazendo desenhos de rica lavra, no seu novo fardamento branco, como o Real Madrid.

O Estoril, em novo ambiente, ficou um pouco aturdido, acabando ao fim e ao cabo por mostrar certa personalidade.

Um relance pelos quadros de nos que, se os clubes têm jogadores novos, não os puseram à prova neste primeiro embate. A conclusão é de que, realmente, não os há. No Belenenses alinharam Acácio e Armando, que não são quaisquer principiantes. Vasco subiu (definitivamente?) ao primeiro grupo, sem ter encontrado ainda o seu sítio. No Sporting apareceram dois elementos novos, ambos médios, César e Veríssimo. Nas rédeas da Cuf compareceu Reis. O Benfica forneceu a novidade da reaparição de Espírito Santo no eixo do ataque. Para o que se dizia por aí, temos de convir que *todos os grupos se parecem, mais do seria para desejar, com os grupos da época passada*.

As arbitragens também se ressentiram do começo da época, ou do destreino. Só rasoáveis. Para uma coisa, desde já, queremos chamar a atenção dos *juizes*. Sem dúvida, devem ser implacáveis contra o por menor cobarde do jogo, a rasteira e o pontapé pelas costas, por exemplo, e ainda contra os truques, desde os mais subitís aos grosseiros — mas permitir a luta nobre, rigorosa, dura, de corpo contra corpo, da cintura para

(Continua na pág. seguinte)



NO CAMPO GRANDE: 1 — Teixeira dispara um potente remate, que se perde a razar o poste; 2 — Espírito Santo conclui de cabeça um passe de M. Costa, apesar da entrada do «back» estorilense; 3 — Manuel da Costa toca a bola no seu bom estilo; 4 — Um instantâneo que mostra, através de expressiva máscara, a voluntariedade de Teixeira. (fotos Nunes de Almeida). NAS SALESIAS: — Um valente «mergulho» de Armando Jorge sobre remate de José Pedro; 6 — Elói e Rafael vêm gorados os seus esforços pela decidida entrada de José Lopes — que Gregório acompanha, para o que der e vier... (fotos C. Madeira). NO LUMIAR A: 7 — Reis tenta a defesa mas não capta a bola — que Armando Ferreira também deixa escapar... 8 — Azevedo defende com Inegável oportunidade. Reparar na máscara de Arnaldo Carneiro; 9 — Um dos «goals» de Peyroteo — na sua «maneira» peculiar. (fotos Manique).







## A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



**VELA** — No Campeonato Nacional de Yougas: 1 — Aspecto dos barcos em calmaria, que obrigou ao adiamento de parte das regatas. **REMO** — O passeio promovido pelo Clube Naval de Lisboa: 2 — Grupo de socios, entre os quais alguns que representaram o velho clube há já anos e que tomaram parte naquêlê passeio. **PATINAGEM** — Nos campeonatos ultimamente disputados: 3 — As equipas do Benfica, Cascais e Ateneu, que tomaram parte nas provas. **O ANIVERSARIO DO HOCKEY CLUBE DE SINTRA**: 4 — Os «teams» do Infante de Sagres e do clube em festa, que jogaram a contar para o campeonato nacional de «hockey» em patins; 5 — Aspecto do banquete comemorativo do aniversário do simpatico clube



### UM RECORDE BATIDO!...

Não é sômente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui a realidade um recorde saber-se que a Alfiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 146, faz essas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.<sup>a</sup> tiver casa sua não é preciso pagar para adquirir um bom fato, sobretudo ou sabardão, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note hem, nesta casa encontrará V. Ex.<sup>a</sup> maior perfeição e não paga luxo.



A MARCA QUE EU  
VOU USAR  
EM CHAPÉUS  
E BONÉS

**Chaves** de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Rouberam-lhas? — manda fazer outras na

**CASA DAS CHAVES**  
de  
Amadeu Gomes da Fonseca  
R. da Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) • Tel. 28050

Helena Fortes, vencedora de prova de amazonas, no «Seduno»



**PODE** dizer-se que foi brilhante o VIII Concurso Hípico de Cascais, que a Sociedade de Propaganda daquela vila organizou com o patrocínio da Câmara Municipal e da Sociedade Hípica Portuguesa, e que levou todos os dias numerosa assistência ao Parque da Gandarinha — bem arranjado e com agradável aspecto.

Para este brilhantismo, e isto sem desprimor para os restantes concorrentes, muito contribuiu a luta travada por Correia Barrento e Henrique Calado, que apresentaram um grupo de cavalos em boa forma, entre os quais «Raso» e «Palol», dois animais de categoria e que dão sempre nota emocionante em tôdas as provas.

Não quer dizer-se que só eles tenham possibilidade de alcançar os primeiros prémios. No entanto, Barrento e Calado contam com maior possibilidades de êxito, porque qualquer dêles alia às suas qualidades de cavaleiros as vanta-

gens que as suas montadas lhes podem proporcionar. O público, que adora o espirito de competição, agarrou-se a este facto e, explorando-o, dêle recolheu um dos atractivos do Concurso de Cascais.

**Lemos da Silveira e Reimão Nogueira vencedores no 3.º dia**

Apesar de terem tido lugar na quinta feira, as provas do 3.º dia despertaram grande interesse no público, foram disputadas com entusiasmo e deram lugar a duas magnificas vitórias premiadas com grandes ovacões.

Na «Regularidade», formada por um percurso ingrato, com um «oxer» tão difficil de transpor que foi derrubado por 20 concorrentes, foi ganha por Lemos da Silveira que, com brilho, saltou 35 obstáculos em 3 minutos, montando «Caviars».

Nesta prova gostámos também de ver «Xerez», com o qual Campos Costa se manteve largo tempo na vanguarda da classificação, com 32 obstáculos, e «Selecto» bem conduzido por Joaquim Barreto. O «Raso» e o «Palol» não foram felizes e cêdo saíram da pista.

A prova «Marquês da Graciosa» ofereceu de novo luta renhida. Cada cavaleiro fazia o percurso em dois cavalos, sendo-lhes contado o tempo de desmontar do primeiro e montar no segundo. Correia Barrento, no «Adall» e no «Raso», colocou-se à frente — e lá esteve durante quasi tôda a prova, com o bonito tempo de 2 m. 11 s. 3/5, em dois percursos sem faltas — mas o capitão Reimão Nogueira, penúltimo concorrente a saltar, averbou uma vitória brilhante, com o «Congos» e o «Sados», ganhando a prova em 2 m. e 1/5 e relegando o favorito para o 2.º posto. Foi uma vitória magnífica.

Henrique Calado, no primeiro grupo de cavalos («Palol» e «Unico») terminou com 4 faltas, resultantes de um desentendimento momentâneo entre o cavaleiro e a montada, mas que a não se ter verificado pouco lhe daria tempo melhor que o do vencedor.

**Granate ganhou o «Grande Prémio»**

O principal atractivo do penúltimo dia de provas era o «Grande Prémio» (Ministério da Guerra). Percurso bastante difficil — teóricamente, 15 obstáculos — mas os saltos eram praticamente 20, contando com os duplos e o triplo. Só os bons cavalos, os de categoria, tinham possibilidades de êxito, o que fez com que o número de concorrentes não fosse além de vinte e três.

Houve um único percurso sem faltas, o da «Inquiridora», uma égua nacional, que estava nos seus dias felizes e que Carlos Granate montou com intelligência e vontade, repetindo a vitória alcançada no Pôrto.

# HIPISMO

## Aspectos do VIII Concurso de Cascais



Carlos Granate, vencedor do «Grande Prémio», no «Inquiridora»



Alfres Lemos da Silveira, no «Caviars», vencedor de prova «Regularidade»



Capitão Trevas Lopes, no «Unico», vencedor da «Faça de Honra»



Capitão Reimão Nogueira, no «Congos», vencedor da «Faça de Honra»







# OS JOGOS DO CAMPEONATO DO PORTO



## Stadium

No desafio F. C. Porto-Salgueiros (em cima): Uma saída de João, "keeper," dos Salgueiros, para cortar um ataque dos deanteiros "portistas". No Boavista-Académico (em baixo): Gonçalves, extremo esquerdo do Boavista, "dispara," um excelente remate — mas inútil, por má direcção. (Fotos Hermann)



O MELHOR CRONÓGRAFO para médicos, desportistas

## AS NOSSAS REPORTAGENS E TRICROMIAS

Como anunciámos, publicamos hoje a reportagem referente ao **SPORT CLUBE DE VILA REAL** bem como a tricromia da respectiva equipa de honra

No próximo número:

**UNIÃO F. COIMBRA CLUBE**

À esquerda: o habitual cupão, que os leitores devem recortar e colecçãoar, pela só-lhes direito à capa que oferecemos para encadernar todas as separatas destas reportagens

